

Uma breve revisão do legado de McLuhan¹

Vera Lucia Sommer²

Universidade do Vale do Itajaí/Univali/SC (docente)

Resumo

Este trabalho expõe algumas idéias defendidas pelo professor canadense Herbert Marshall McLuhan a luz de autores que as conhecem profundamente, seguida de impressões pessoais a respeito. O objetivo principal deste artigo é lançar um olhar diferenciado sobre o legado desse pesquisador, apontado como ‘guru da comunicação’ durante muitos anos, apesar das severas críticas que sempre sofreu e ainda sofre de seus desafetos. Passados mais de 40 anos do lançamento de suas principais idéias, a sua obra tem sido revisitada e os seus conceitos reinterpretados porque permanecem atuais.

Palavras-chave

Teorias da comunicação; paradigmas da comunicação; crítica; McLuhan.

¹ Trabalho inscrito na Sessão de Temas Livres do Intercom em 2005.

² Mestre em Comunicação Social pela PUC/RS (2003); Especialista em Estudos Culturais pela UFSC (1998); e Bacharel em Jornalismo pela Unisinos/São Leopoldo/RS, em 1982; Docente dos Cursos de Jornalismo do Instituto Superior e Centro Educacional Luterano Bom Jesus/Ielusc, de Joinville, e da Universidade do Vale do Itajaí (Univali), Itajaí; coordenadora de Projetos Experimentais do Curso de Jornalismo da Univali; subeditora e repórter do Diário Catarinense, Florianópolis (1990-1997) E-mail: vsommer@univali.br.

O título deste artigo sugere e dá a exata dimensão do seu conteúdo e objetivo: expõe algumas idéias deste professor canadense, a partir da crítica de autores que as conhecem profundamente, e impressões pessoais a respeito das mesmas e dos mesmos, respectivamente. A decisão está embasada no fato de reconhecer as limitações da autora sobre o legado deixado pelo chamado ‘guru da comunicação’ e, sobretudo, a responsabilidade imputada ao anunciar e enunciar opiniões que possam ser levianas, inapropriadas e superficiais.

As obras do professor canadense Herbert Marshall McLuhan (1911-1980), a respeito do papel dos meios de comunicação de massa na vida humana, publicadas na década de 60, vêm merecendo uma revisão por parte dos pesquisadores da área da comunicação. A releitura justifica-se porque muitas de suas reflexões e previsões só, recentemente, têm sido compreendidas e, conseqüentemente, aceitas. De um lado, críticas severas, principalmente aquelas procedentes de colegas de academia, pois foi diretor do Centro de Tecnologia e Cultura da Universidade de Toronto, no Canadá. De outro, aplausos efusivos de simpatizantes e discípulos de suas interpretações pelo mundo afora.

Essa reação bipolarizada, entre amor e ódio, entretanto, costuma ser vivenciada por homens que, à frente de seu tempo, são enquadrados, pela sociedade e pela *intelligencia*, como visionários, lunáticos, gênios, excêntricos pelo simples fato de terem lançado raciocínios ousados e polêmicos. Enfim, são homens que se destacam entre os *homo sapiens sapiens* por desafiam os valores e pensamentos dominantes, localizadas num tempo e espaço físico determinados, e, por isso mesmo, quebraram paradigmas e marcaram novas épocas, novas eras.

Passados mais de 40 anos da divulgação de suas principais idéias, sobre o impacto das novas tecnologias no cotidiano do homem, elas persistem em provocar e a dividir opiniões. Claro que o homem McLuhan pertence no passado, já se foi, mas as suas reflexões, mais do que nunca, são pontuais. Aliás, transcendem ao tempo, tornando-se clássicas e, por isso mesmo, vêm sendo relidas e reinterpretadas, reiterando a necessidade

da ação do próprio tempo, ou seja, a maturação, para a decantação do passado e a posterior compreensão da história.

Isso porque, as suas reflexões vêm sendo compreendidas a longo prazo e à medida em que pesquisadores, estudiosos, os próprios usuários e a sociedade, como um todo, vivenciam, percebem e questionam os efeitos das novas tecnologias – a televisão, a partir da década de 60, e, mais recentemente, o computador e a internet. Afinal, cada meio tem suas implicações econômicas, políticas e culturais, embora elas, muitas vezes, sejam assimiladas de pouco consciente e reflexiva devido à velocidade, cada vez maior, com que surgem as novas tecnologias. Em função desse contexto, enquanto se dá conta das alterações que uma nova mídia está causando na sociedade, outra mais nova já vem surgindo.

Daí a relevância das idéias de McLuhan em plena década de 60, quando a televisão passava a reinar entre as mídias. Tanto que, de acordo com a revista *Times Literacy Supplement*, “quando se fizer o levantamento da expansão das mitologias pós-einsteineanas, McLuhan terá o seu lugar de relevo. Ele está nas fronteiras”. Em 1969, McLuhan também foi classificado como “o mais importante pensador desde Newton, Darwin, Freud, Einstein e Pavlov”, pelo jornal *New York Herald Tribune*. No mesmo ano, em março, o principal entrevistado da revista norte-americana *Playboy*³, na qual afirmou que “a hostilidade às suas críticas é uma reação tipicamente humana diante da inovação – uma prática refinada da adotada pelos imperadores chineses que costumavam executar os mensageiros de más notícias”.

O próprio filho de McLuhan, Eric, em entrevista no jornal Folha de S.Paulo⁴, afirmou haver um público interessado no pensamento mcluhaniano. Ele atribuiu esse retorno às idéias de seu pai porque a maioria dos seus opositores já se retirou da vida acadêmica. Assinalou, inclusive, que uma nova geração passou a ler os seus livros com muito mais frescor, descobrindo como o seu conteúdo pode ser relevante para a situação

³ Volume 16, número 3. Páginas 53-74 e 158. *Playboy interview : Marshall McLuhan : a candid conversation with the high priest of popcult and metaphysician of media.*

⁴ McLuhan retorna com a globalização, página E6 da Folha de S.Paulo, 26 de outubro de 2002.

atual. “Na verdade, parte do mundo universitário ainda não o aceita, talvez por ele ter possuído uma mente extremamente independente”, explicou Eric, responsável por um projeto, a ser concluído em 2005, que pretende publicar textos inéditos de McLuhan e fazer uma reedição crítica dos escritos mais conhecidos.

Nelson Thall, diretor do *McLuhan Center for Global Communications*, apontado pela revista The New Yorker como discípulo e herdeiro das teorias de McLuhan, ao ser entrevistado por Sérgio Kulpas para a C@rta.com, disse:

“As idéias de McLuhan são como o cãozinho Totó em *O Mágico de Oz*, elas revelam os homens que estão nos bastidores manipulando o *Teatro Global*. Quando se vive numa época, onde a verdade de uma pessoa tornada popular é necessário enfrentar a dura tarefa de questionar a realidade como um todo. Se você questiona a realidade de sua época, você se torna uma ameaça para os poderes em comando e para os proprietários do sistema. McLuhan foi atacado porque ele representou a verdade sobre as roupas do imperador⁵.”

Embora o ex-professor de Literatura Inglesa não tivesse qualquer elaboração teórica a respeito do impacto causado pelos meios de comunicação, “foi o primeiro a realizar uma mística das mídias, na qual todos os problemas políticos se evaporam como névoa – aquela névoa azul com que ela ilude os seus discípulos”. A opinião assinada por Hans Magnus Enzensberger⁶, um dos maiores poetas da Alemanha, também conhecido como ensaísta de forte apelo crítico, que, em livro escrito na década de 70, analisou a complexa relação entre mídia e poder. O alemão criticou a postura ‘apolítica’ de McLuhan, pois, ao contrário do canadense, entende que os meios de comunicação não são instrumentos neutros, mas uma ‘indústria da consciência’, formadora de opinião e comportamento.

De postura abertamente marxista, Enzensberger reduziu McLuhan a um ‘ignóbil’ que se colocou ‘à frente das novas forças produtivas, baseados puramente em intuições’.

Atualmente, essa vanguarda apolítica encontrou seu ventríloquo e profeta na figura de Marshall McLuhan, um ator a quem faltam, é verdade, todas e quaisquer

⁵ Trecho pinçado do site <http://www.pontodevista.jor.br> sobre McLuhan.

⁶ ENZENSBERGER, Hans Magnus. **Elementos para uma teoria dos meios de comunicação**. São Paulo : Conrad Editora do Brasil, 2003. ps 80-83.

categorias analíticas para a compreensão de processos sociais, cujos livros, apesar de confusos, podem servir de playground de observações incontroladas sobre a indústria da consciência. Pelo menos, ele entendeu mais da força produtiva das novas mídias que todas as comissões ideológicas do partido comunista da União Soviética com suas regras e decisões intermináveis⁷.

Enzensberger, radicalmente contra a maioria das idéias expostas por McLuhan, admitiu, contudo, que a frase mais famosa ‘desse marqueteiro’, é assim que se referiu a ele, de que ‘o meio é a mensagem’, merece uma atenção maior. Na verdade, o alemão contestou a manifestação do canadense de que as mídias são instrumentos indiferentes, através das quais pode haver mensagens aleatórias, sem levar em conta a estrutura e o próprio meio. E justificou:

a frase de que a mídia é a mensagem, porém, transmite ainda outra muito mais importante. Ela nos comunica que a burguesia dispõe, é bem verdade, de todos os meios de nos comunicar algo, mas que ela não tem mais nada a dizer. Ela é ideologicamente estéril. Sua intenção de agarrar-se a todo custo ao poder de dispor sobre os meios de produção sem estar em condições de deles fazer o uso social necessário é aqui expressa claramente na superestrutura: ela deseja as mídias *como tais e para nada*. Esse desejo é simbolicamente expresso e dividido há décadas com uma vanguarda artística cujo programa coerentemente só permite como alternativa sinais nulos e barulho amorfo⁸.

O presidente da Federação Italiana dos Editores de Jornais e da Associação da Imprensa Associada (ANSA), Giovanni Giovannini, realizou, em 1984, uma importante obra intitulada *Evolução na Comunicação: do Sílex ao Silício*, para a compreensão dos meios de comunicação de massa nos dias atuais. A rapidez galopante das transformações pode ser observada no dia-a-dia, sem a necessidade de recorrer às idéias de McLuhan para concluir que a disponibilidade e a estrutura dos novos meios de comunicação provocam profundas alterações no modo como os indivíduos vivem em sociedade.

Nos encontramos no liminar de uma nova dimensão histórica na qual a mudança não é mais sinal de descontinuidade entre períodos relativamente estáveis, mas se transforma uma característica dominante, do ponto de colocar em evidência a ‘ausência de mudança’ como um acontecimento excepcional, como aqueles ‘que marcam época’. Estamos, então, prestes a entrar num turbilhão evolutivo, onde o medo da velocidade não deverá nos provocar náuseas. (...) A realidade que vem se firmando é a de que não existem alternativas quanto ao conhecimento e à utilização

⁷ Idem, op.cit. ps. 80-81.

⁸ Idem, op.cit ps 82-83.

dos meios de comunicação mais atualizados, inclusive como próprio pressuposto para ter garantida uma vida enquanto sujeitos sociais. É possível que a evidência desta afirmação fique mais clara no último decênio deste século do que nos anos 80. Este é, de fato, o maior risco que se pode correr numa época de tamanha turbulência: o de se dar conta tarde demais de estar preso num processo irreversível de marginalização. O efeito produzido pelo aparecimento e pela difusão dos novos, assim como dos menos novos, meios de comunicação é o de dilatar o raio de capacidade de ação, individual e coletiva, através de uma interação de espaços *cognoscitivos* e de áreas transnacionais – e portanto de mercados – que geram novas oportunidades de confronto de realidades e situações⁹.

Essas preocupações manifestadas por Giovannini, no passado recente dos anos 80, foram apresentadas por McLuhan duas décadas anteriores. Daí a atualidade de suas reflexões. Nas diversas entrevistas que concedeu a revistas especializadas ou não, o canadense deixou clara sua preocupação e angústia com relação aos efeitos do uso e do abuso dessas novas mídias na sociedade como um todo. Aliás, ele alertou para a possibilidade de o homem perder, completamente, o controle sobre suas criações, no caso, as novas mídias, e para a impotência dele vir a intervir no processo resultante da força avassaladora das tecnologias que modificam completamente o contexto em que se inserem.

Conforme Giovannini, a velocidade com que o ser humano está passando da condição de *communico, ergo sum* (*comunico, logo existo*) é maior que aquela empreendida quando da transição do *esse est percipit* (*ser é perceber*) ao *cogito ergo sum* (*penso, logo existo*). Ele igualmente salienta que os novos meios de comunicação, “tanto a nível individual, quanto sob a forma de hipnose coletiva”, podem provocar mudanças “psicossensoriais, e conseqüentemente culturais, que podem antecipar, a mais longo prazo, algumas discontinuidades de identidade antropológica”¹⁰.

De outra parte, o professor e pesquisador francês Armand Mattelart¹¹ reconheceu como válida a idéia de que as novas tecnologias alteram o modo de ver o planeta, numa clara alusão à contribuição deixada por McLuhan e seu colega Quentin Fiore, em 1968, quando analisaram a primeira guerra transmitida ao vivo pela TV, a Guerra do Vietnã. Já

⁹ GIOVANNINI, Giovanni. **Evolução na comunicação**: do sílex ao sílcio. 3. ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1987. ps. 338-339.

¹⁰ Idem, op.cit. ps. 338-339.

¹¹ MATTELART, Armand. **A globalização da comunicação**. Bauru : Edusc, 2000. p 120.

naquela época, os dois ressaltavam a importância e o poder da imagem, a televisada, de mobilizar o sentido das audiências, indicando a tendência de transformar o mundo ou o planeta numa verdadeira ‘aldeia global’. No próprio livro, Mattelart afirmou tratar-se do advento da era do encontro da comunidade pela tela do televisor.

Ao contrário do que profetizaram McLuhan e seus seguidores, Mattelart lembrou, contudo, que as transmissões de guerras e conflitos em rede mundial não têm contribuído para derrubar ‘os muros’ que separam militares de civis e tampouco colaboraram para o crescimento de países em desenvolvimento. Seguindo o pensamento desse francês, podemos dizer que essas novas tecnologias apenas mostram mais e melhor os momentos de guerras e conflitos, ou seja, ampliam a realidade quase em tempo real e de forma simultânea aos acontecimentos. Exemplos mais recentes, desse ver e fazer ver, pode-se citar o ataque às torres do World Trade Center, em 11 de setembro de 2001, e a revanche dos EUA contra o Iraque, em março/abril deste ano.

Quando McLuhan afirmou que o ‘o meio é a mensagem’ ele quis dizer, segundo Neil Postman¹², o mesmo que Marx ao dizer que ‘a tecnologia revela a maneira como o homem lida com a natureza’ e cria as ‘condições de intercurso’ com as quais os grupos humanos se relacionam com outros. Postman, aluno de McLuhan, publicou o referido livro na década de 70, no auge da explosão da televisão como meio de comunicação de massa e nas primeiras experiências com o computador. Em sua obra, por exemplo, salientou que a introdução do computador pessoal na sala de aula “rompe uma trégua de 400 anos entre o gregarismo e a abertura, fomentados pela oralidade, e a introspecção e o isolamento, fomentados pela palavra impressa”. Ou seja, provocou uma espécie de retorno ao aprendizado privado e individualizado. Mais uma vez, trata-se da tecnologia modificando o meio ambiente e as relações sociais e um retorno às idéias principais de McLuhan.

Postman assinalou, inclusive, que o economista Harold Innis, cujas reflexões influenciaram fortemente o seu colega McLuhan, já buscava ensinar que “as novas tecnologias alteram a estrutura de nossos interesses: as coisas *sobre* as quais pensamos.

¹² POSTMAN, Neil. **Tecnopólio** : a rendição da cultura à tecnologia. São Paulo : Nobel, 1994.p 23.

Alteram o caráter de nossos símbolos: as coisas *com* que pensamos. E alteram a natureza da comunidade: a arena na qual os pensamentos se desenvolvem”¹³. Mais adiante, observou, em relação aos computadores, que essa tecnologia dá destaque maior aos processos técnicos da comunicação, e sua grandeza reside no fato de simular uma função humana ou criarem possibilidades de cálculo, velocidade e volume. Voltou-se, novamente, para McLuhan, de que a toda tecnologia é uma extensão de uma parte do corpo humano.

Partindo do pressuposto de que o surgimento de uma nova tecnologia provoca profundas mudanças em todas as esferas sociais, com base na própria história da humanidade, McLuhan buscou entender os indícios dessa transformação em progressão geométrica e não aritmética. Como um ‘mero professorzinho’, um ‘ignóbil’, segundo a comunidade científica (diga-se, seus opositores e desafetos), poderia prever ou antever situações essas que vislumbram uma nova forma de pensamento e de sociedade? Que presunçoso, petulante e metido!

McLuhan tinha idéias menos ‘engessadas’, justamente, talvez, por ser professor de literatura, um homem das letras e das palavras, da poesia e da metáfora. Aliás, ele se valeu de inúmeras metáforas e conotações na tentativa de se fazer entender. Aprendeu isso com os escritores, seus mestres, por excelência, e de longa data. Portanto, menos sistemático e metódico, mas muito mais ‘livre e ousado’, os pensamentos de McLuhan foram praticamente desdenhados pelos cientistas sérios, daquela época, preocupados em obter reconhecimento e aplauso de seus pares, e dinheiro de empresários e políticos simpatizantes, para as suas pesquisas, ao invés de questionar, incomodar, inovar e/ou escandalizar. Por esse tipo de prestígio eles não lutavam. Queriam distância.

Este canadense, por sua vez, policiou-se menos e ‘viajou’ mais, sem medo de acertar ou errar, de elogiar ou desmerecer. Desafiou-se, simplesmente, como todo homem inquieto e perspicaz. Quis refletir, questionar e, quem sabe, acordar a consciência de alguns para determinadas conseqüências sociais, a partir de suas observações, muitas das quais

¹³ Idem, op. cit. p. 29.

‘empíricas’ e inconsistentes, sobre as alterações que as tecnologias, as novas, principalmente, podiam causar.

Quantos ‘lunáticos e gênios’ não morreram ou foram mortos por suas idéias subversivas e libertárias? Como se atreveram a desafiar o pensamento dominante sem serem taxados de hereges e malditos? Foi o próprio tempo quem acabou dando voz e vez a esses homens ‘malucos’ e permitiu que se fizesse Justiça às suas idéias e a seus nomes. Exemplos há às centenas ao longo da história da humanidade, cujo registro oficial costuma ser feito a partir da versão dada pelos vencedores e pelos poderosos, não é mesmo? Com McLuhan, essa estória parece se repetir. Parece... Tudo indica, mas...

Quando li McLuhan na graduação, precipitada e infantilmente, considerei-o um ingênuo e presunçoso. Graças a este trabalho – de rever algumas de suas principais idéias, percebo o quanto fui e ainda sou uma ignorante sobre quem foi, verdadeiramente, McLuhan. Naqueles idos anos 80, faltavam-me maturidade e tempo para refletir a respeito da profundidade de suas observações. Hoje, entretanto, admiro esse homem sobre quem passei a buscar informações, em livros, sites e revistas. As centenas de páginas a seu respeito e a propósito de suas idéias comprovaram o McLuhan é atual. Ele resiste ao tempo, sendo amado ou odiado. Parece mais vivo e presente do que nunca.

Embora ele não fosse um sociólogo ou qualquer outro ‘logo’, McLuhan conseguiu transcender ao tempo, estando aquém do seu tempo e espaço físicos. Tornou-se um verdadeiro clássico... Não somente na comunicação, onde tem sido estudado com maior frequência. Igualmente na educação ele foi revolucionário, lição bem assimilada por Postman: o surgimento de um complexo processo de ensino-aprendizagem a partir da introdução do computador pessoal na sala de aula.

Não é exatamente o que vivemos hoje, 2005? McLuhan já previu, ou como querem os seus mais severos críticos, pressentiu essa tendência. E é essa a sua maior contribuição para a ciência da comunicação.

Não à toa, *Da aldeia global ao ciberespaço: as tecnologias do imaginário como extensões do homem* foi o tema do VII Seminário Internacional da Comunicação realizado pela PUC de Porto Alegre, nos dias 25 e 26 de agosto deste ano. Embora contatado para participar do evento, Derick de Kerckhove, o sucessor de McLuhan na direção do Centro de Cultura e Tecnologia da Universidade de Toronto, não confirmou sua presença. Em compensação, as palestras de Liss Jeffrey, Gáetan Tremblay e Pierre Levy, do Canadá, e James W. Chesebro e Federico Casalegno, dos Estados Unidos, constituíram-se verdadeiras aulas sobre as tendências da comunicação de massa no século XXI.

Liss Jeffrey¹⁴, entusiasta e apaixonada pelas idéias de McLuhan, ressaltou, em sua bem articulada exposição para um público aproximado de 400 pessoas, entre estudantes, professores e pesquisadores da Comunicação no Brasil, a importância do trabalho deste canadense para a sociedade ocidental que, com o advento da televisão, ingressou definitivamente numa nova era: a era eletrônica. Segundo Liss, McLuhan insistiu em buscar palavras, metáforas e exemplos para descrever o que estava acontecendo, fazendo analogia entre as novas e as velhas mídias. Na década, as suas observações chocaram e assustaram tanto os leigos quanto os cientistas. Hoje, contudo, elas se tornaram familiares. Quem, naquela época, acreditaria numa sociedade globalizada, em diferentes áreas e instâncias, conectada, a partir de um sistema eletrônico de amplitude terrestre? A internet existe e é uma realidade cada vez mais palpável¹⁵.

Na avaliação crítica de Gáetan Tremblay, enquanto McLuhan foi o canadense mais citado e conhecido do mundo, Innis sequer foi traduzido em inúmeros países justamente pela sua herança marcadamente mais acadêmica. Ressaltou, contudo, que Innis falou primeiro que McLuhan a respeito do papel dos meios de comunicação porque tinha uma formação nas Ciências Econômicas, foi um acadêmico clássico (de carreira), valeu do método das Ciências (da pesquisa), estudou prioritariamente o destino das sociedades (com base no comércio de peles do Canadá) e foi um pessimista quanto ao futuro da humanidade e as novas tecnologias.

¹⁴ PhD, diretora do Design-eLab, professora do Programa Acadêmico McLuhan, da Universidade de Toronto.

¹⁵ Realidade virtual essa que me permitiu novo contato com Liss através do e-mail. Isso seria possível imaginar naqueles idos 60?

McLuhan, segundo Tremblay, teve formação na Literatura, ficou à margem do mundo acadêmico, valeu-se do método dos artistas como modo de trabalho e de pesquisa, preocupou-se com o destino dos indivíduos e foi um otimista a propósito do futuro da sociedade. Enfim, Innis foi um intelectual, e McLuhan, um literato. Embora cada qual tivesse sua concepção sobre o mundo, foram pioneiros no estudo sobre o papel dos meios de comunicação ou das tecnologias no cotidiano da sociedade, a respeito dos seus usos e nas suas relações entre espaço e tempo e suas conseqüências a curto e a longo prazos.

Considerando que McLuhan foi um revolucionário e um visionário, pode-se supor que, ao falar de ‘aldeia global’, ele tenha manifestado sua esperança de um futuro idílico e calmo para as sociedades do século XXI, e mais uma de suas metáforas. A propósito, também Pierre Levy acredita nessa sociedade de relações planetárias via rede mundial de computadores. Outro ‘lunático’ severamente criticado pelo seu otimismo com a ‘inteligência coletiva’, resultante das novas relações possíveis através da internet.

Levy explicou que a humanidade está passando por uma nova revolução simbólica ou a terceira revolução biotecnológica, caracterizada pelo controle do genoma das plantas e dos animais e do ecossistema. Esta foi antecedida pela segunda revolução biotecnológica – quando do surgimento da agricultura, da escrita e das cidades e dos estados; que, por sua vez, foi precedida pela primeira revolução biotecnológica – quando do domínio do fogo, dos grupos e clãs e do surgimento da linguagem. Novamente as idéias de McLuhan podem ser utilizadas – todos os meios constituem uma extensão do corpo humano.

Referências bibliográficas

ENZENSBERGER, Hans Magnus. **Elementos para uma teoria dos meios de comunicação**. São Paulo : Conrad Editora do Brasil, 2003.

GIOVANNINI, Giovanni. **Evolução na comunicação** : do sílex ao silício. 3.ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1987.

MATTELART, Armand. *A globalização da comunicação*. Bauru : Edusc, 2000.

POSTMAN, Neil. **Tecnopólio**: a rendição da cultura à tecnologia. São Paulo : Nobel, 1994.